

## BARRA DO PACUÍ – MODO DE VIDA, TRABALHO E AMBIENTE

**Rodrigo Herles Santos**  
Mestre em Geografia - UFU  
[rherles@hotmail.com](mailto:rherles@hotmail.com)

**Ângela Fagna Gomes de Souza**  
Mestranda em Geografia - UFU  
[angelafagna@hotmail.com](mailto:angelafagna@hotmail.com)

**Carlos Rodrigues Brandão**  
Prof. Dr. do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFU  
[brandao08@ig.com.br](mailto:brandao08@ig.com.br)

### RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido na região do médio São Francisco, no município Ibiaí, Norte de Minas Gerais, tendo como “loco” de pesquisa, a comunidade camponesa de Barra do Pacuí. A abordagem investigativa foi realizada por meio do levantamento de dados de como os camponeses desta comunidade, percebem, sentem, representam e atuam sobre o meio ambiente em que vivem e trabalham. As discussões foram conduzidas, a partir, da interpretação dos dados de campo e de uma análise “geo-etnográfica” da comunidade, a quais permitiram a caracterização do seu modo-de-vida e das formas de manejo do ambiente local, destacando principalmente aspectos de sua Geografia interna.

**Palavras Chave:** Natureza. Cultura. Campesinato. Manejo do Ambiente. Tradição

## BARRA DO PACUÍ - WAYS OF LIFE, WORK AND ENVIRONMENT

### ABSTRACT

The main study was developed in Middle São Francisco region, in the municipality of Ibiaí, North of Minas Gerais, having as research loco, the peasant's community of Barra do Pacuí. The investigative approach was done using the survey data on how the farmers of this community, feel, realize, represent and act on the environment where they live and work. The discussions were conducted following the interpretation of the data obtained in field and a geoetnographical analysis of the community, that precedure allowed to characterize the ways of life and the forms of management of the local environment, detaching mainly the intern geographic aspects.

**Keywords:** Nature. Culture. Peasantry. Management of environment. Tradition

### INTRODUÇÃO

As comunidades camponesas orientam suas formas de apropriação e utilização dos recursos naturais e, por conseguinte, a própria construção dos espaços e a qualificação dos lugares, baseadas em uma interconexão de elementos de ordem cultural, econômica e simbólica, Wootrmann (1983). A construção do espaço neste tipo de organização social passa necessariamente, por reconhecer o que é espaço natural e o que é espaço social, bem como por entender em que medida esses espaços estão conectados e imbricados entre si. Daí a importância em se discutir e aprofundar o conhecimento sobre o papel dos sentimentos, da emoção, da afetividade e dos laços simbólicos que ligam o camponês aos lugares sociais de usos da vida e a constituição das suas “geo-biografias”.

As populações que se instalaram no vale do São Francisco sempre mantiveram com o rio uma relação muito próxima. É uma relação de convivência e identificação extraordinária do ponto de vista sócio antropológico. Pode-se facilmente encontrar designações do tipo, beradeiro ou barranqueiro, para apresentar as pessoas que vivem as margens do grande.

---

Recebido em 14/05/2009  
Aprovado para publicação em 19/05/2009

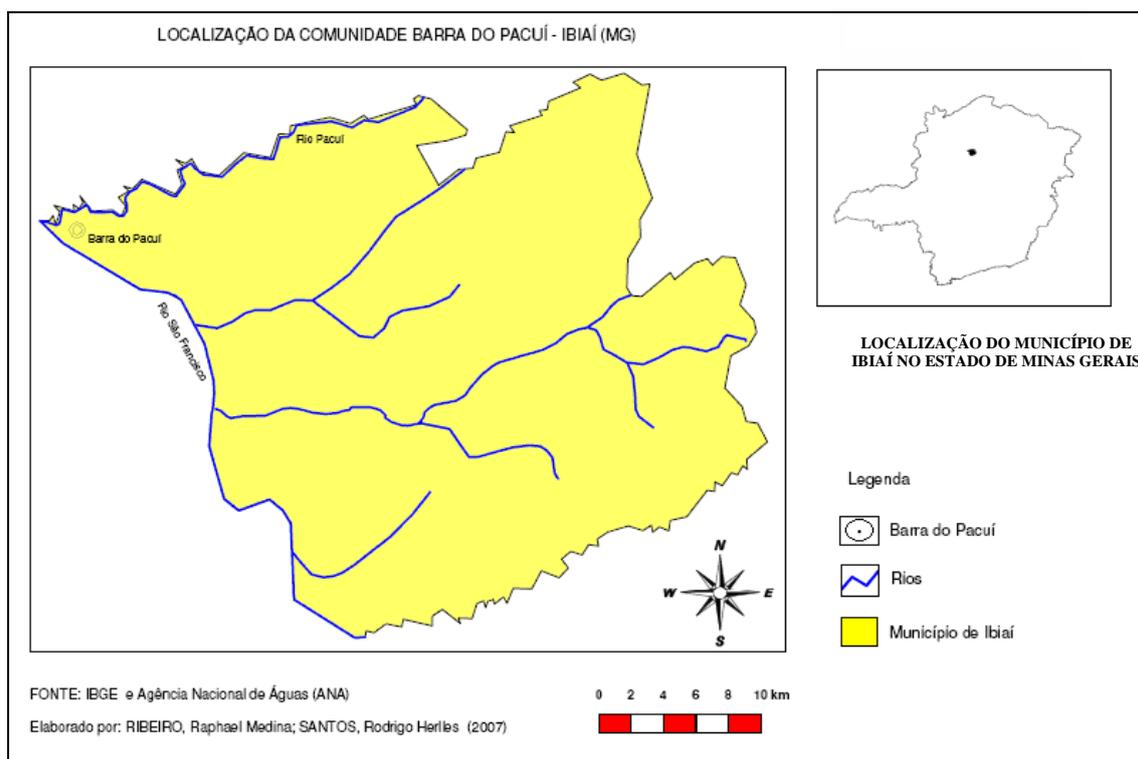
Mas como rio não é um, “o rio são muitos”, as populações que o habitam também o são. Podemos encontrar uma enorme variedade de situações e tipos sociais diferentes, que ao longo do tempo desenvolveram algum tipo de experiência em relação ao rio. Para além de um mero acidente na paisagem, no imaginário dessas populações, o rio é uma construção cultural, um signo e um símbolo que só pode ser entendido por meio da experiência de cada grupo, para compreender como foi forjada a identidade ribeirinha no vale do São Francisco.

Foi assim que encontrei em Barra do Pacuí<sup>2</sup>, uma típica comunidade tradicional, a qual estabeleceu seus territórios à beira do São Francisco, no município de Ibiaí, Norte de Minas Gerais, como sendo o *locus* empírico deste trabalho, que é uma síntese de um estudo mais amplo realizado na comunidade de pouco mais de 250 pessoas, que vêm elaborando ao longo das últimas décadas um modo de vida peculiar baseado em um entendimento profundo dos ciclos do rio, do manejo eficiente do ambiente e do uso coletivo do território.

O presente trabalho trata da apresentação e manipulação de parte dos dados colhidos durante pesquisa de campo realizada nos anos de 2007 e 2008, cujo objetivo principal é uma caracterização completa da comunidade em termos das relações socioambientais e do modo de vida local.

### A Barra do Pacuí

De acordo com os dados fornecidos na pesquisa de campo, a formação da comunidade teve início na década de 1930. Como mostra a entrevista abaixo, 5 (cinco) famílias, de origem negra, oriundas de uma fazenda na região, instalaram-se em uma área às margens do rio São Francisco, distante cerca de 12 km da sede município de Ibiaí, conforme demonstrado no mapa 1.



Mapa 1: Localização geográfica da comunidade de Barra do Pacuí, inserida no município de Ibiaí-MG; Org: RIBEIRO, Raphael; SANTOS, Rodrigo Herles, 2007

<sup>2</sup> Os dados completos sobre a pesquisa foram discutidos no âmbito da dissertação de mestrado **AQUI ESTOU, AQUI FAÇO O MEU LUGAR: Um estudo sobre percepções e manejo do ambiente entre camponeses, na comunidade de Barra do Pacuí, município de Ibiaí-MG**, defendida junto ao Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia-UFU sob orientação do professor Dr. Carlos Rodrigues Brandão.

## Os moradores relatam como foi o início da vida naquela localidade

Eram cinco famílias que comprou o direito aqui, não era parente amigos e conhecido, eram amigos na fazenda e reuniram os cinco e compraram o direito aqui, no caso da fazenda não sei de quem ficaram sabendo desse terreno estava disposto, aí vieram e compraram quarenta e oito alqueires de terra. Entre os cinco, ficaram quatro com dez alqueires e um com oito, foi por aí que começaram, mudaram para aqui em 1934, eu nasci em 1937, e aí foram indo, no princípio morava na beira do rio, mas naquele tempo chovia bastante, tinha muita enchente, tinha que ficar mudando a cá para fora, para o alto. **Entrevista com o Sr. João Bento, 2007.**<sup>3</sup>

Ocuparam uma área medindo aproximadamente 38 ha., desenvolvendo ali atividades relacionadas à pesca e agricultura (em terra firme e em várzea). Com a agricultura obtinham gêneros alimentícios, como: Arroz, feijão e milho. Utilizando-se de uma prática comum aos moradores ribeirinhos, eles freqüentavam os mercados às margens do rio, especialmente o da cidade de Pirapora, no qual conseguiam os gêneros que não eram produzidos na comunidade como sal e tecidos.

Mais antigamente pra ir Pirapora tinha que ir canoa, era uma viagem longa, agora sai de manhã e volta à tarde. Levava muitas coisas pra vender no comercio, farinha, porco, o barco era de um remo só. O barco pesava quase 300kg e era movido no braço. Levantava de madrugada para fazer feijoada pra levar de matutagem. Quando voltava trazia sal, pano pra fazer roupas para usar nas festas e fogueira. Eu já viajava muito de canoa, fui até na lapa, meus pais era da Bahia, convivi pouco com eles, quando eles morreram eu tinha 6 anos, ai meus avós me pegou pra criar, ele já tinha criado a minha mãe, eles contavam muitas lendas pra “nois”, eu não “alembro” de todas, mas tinha trovoadas que virava barcos. **Entrevista com Dona Maria, 2007.**<sup>4</sup>

A ligação entre a Barra do Pacuí e o mercado de Pirapora, era feita por meio de canoas. As lembranças dessas viagens ainda estão vivas na memória dos moradores mais antigos, que contam, com romantismo, as histórias deste tempo.

### A estrutura da comunidade

Segundo dados de campo a comunidade é composta por 31 casas, utilizadas com fins de residências. A disposição das casas separa a comunidade em duas partes, a de cima e a de baixo. Na parte de cima, encontram-se enfileiradas um conjunto de 22 casas. Nessa parte ainda se localiza a escola, a praça e a igreja. Separando as duas partes, estão duas ruas, uma no centro das fileiras de casas e, outra na porção nordeste da comunidade. Na parte de baixo encontra-se o restante das casas, um bar e o campo de futebol.

A escola atende apenas o ensino básico, isto é, do 1º ao 9º ano, o ensino médio é completado na sede do município no período noturno. Desta forma os jovens são obrigados a se deslocar diariamente em ônibus escolar. O atendimento médico é realizado uma vez por semana às terças-feiras, contando com um clínico geral e um enfermeiro, ocasionalmente, dispõe de tratamento odontológico. A comunidade conta apenas com uma linha regular de ônibus que faz a ligação com a sede do município. Ela é muito utilizada pelos aposentados que vão a cidade receber seus “benefícios”.

A população é composta por 249 pessoas, sendo predominante o gênero feminino, em uma proporção de 56,25% de mulheres contra 43,75% de homens. Essa predominância feminina é explicada em virtude do processo de migração, visto que ela é seletiva, e no caso de Barra do Pacuí, os homens são forçados a uma mobilidade social maior do que as mulheres.

<sup>3</sup> Sr. João Bento, 65 anos, aposentado. Camponês nascido em Barra do Pacuí, sua família foi uma das cinco pioneiras da Barra do Pacuí. Viveu toda a vida na comunidade entre a agricultura, a pescaria e as longas viagens de canoas, que segundo ele faz parte de um tempo que não volta mais, no qual o rio possuía vida, saúde e uma alegria que contagiava os ribeirinhos. Sr. João Bento é um dos mais importantes líderes atuais da comunidade.

<sup>4</sup> Dona Maria, 68 anos, viúva, aposentada. Camponesa nascida e criada em Barra do Pacuí. Até hoje com ajuda do filho, Jurandir, cultiva roça na beira do rio Pacuí.

O alto índice de aposentados favorece a estabilidade do sistema econômico local, não predominando relações de trabalho assalariado na comunidade, pelo menos entre os membros da comunidade. Boa parte do dinheiro em espécie que circula, é obtido por meio das aposentadorias. Este fator pode, inclusive, explicar o grande número de crianças e mulheres. Em muitas residências, foram encontradas crianças e mulheres morando e sendo sustentadas diretamente pelos aposentados.

### **Tempos e espaços na comunidade de Barra do Pacuí**

Os longos dias que passamos na comunidade nos propiciaram a oportunidade de observar o cotidiano dos moradores. Pude observar que os camponeses que habitam a comunidade de Barra do Pacuí ocupam os espaços da seguinte maneira:

**a) Espaço de relações sociais e de convivência:** constituído basicamente por lugares nos quais os membros da comunidade ocupavam mais intensamente, isto é na maior parte do tempo. Esses espaços não são freqüentados para produzir, ou seja, os moradores não estão “lá” para através de sua organização social do trabalho, manejar os elementos de produção e os da natureza para obter a produção. Os moradores estavam nesses lugares e neles permaneciam por um longo período de tempo, envolvidos em situações comuns: conversas, brincadeiras, lazer, jogos, bebidas, rezas, estudos.

Sobre os lugares sociais situados no mundo da cultura, as **casas**, lugar da convivência familiar, apresentam semelhanças entre si. Em 100% das moradias a casa é dividida em duas unidades distintas, a casa como abrigo e o quintal como extensão do trabalho feminino, como afirma a agricultora dona Maria: “Na comunidade onde “nois” moramos, eu gosto mesmo é da minha casa, mexer com minhas lavouras, mexer com umas coisas aqui outras ali, isso e bão demais”.

Praticamente nenhuma residência é murada, geralmente os quintais são abertos, em alguns poucos casos eles são cercados por arame. Neles são encontradas plantas ornamentais, geralmente são usados para armazenar ferramentas. Este espaço é tipicamente feminino, é no quintal, por exemplo, que as roupas e outros utensílios do lar são lavados. O padrão de construção vem sofrendo alterações, foi possível observar casas de alvenaria em substituição às antigas casas de adobe.

Ao contrário da casa, a **praça** é um lugar de convivência entre os núcleos familiares. Por vezes, observei-a em horas diferentes do dia, nos períodos da manhã e da tarde, quem e como as pessoas a usavam. Ela é mais intensamente, o lugar das crianças, muitas a freqüentam no intervalo das aulas, outras por todo o dia, envolvidas em brincadeiras e jogos infantis. Os adultos quase nunca se sentavam nos bancos, recém instalados. No período da noite os jovens são ocupantes prioritários da praça, provavelmente, onde se desenrolam os pequenos namoros.

No meio do caminho entre o lugar da inocência e dos primeiros namoros, a praça tem uma função social importante, é “lá” que os adultos se reúnem para aguardar o único meio de transporte oficial, o ônibus que liga a comunidade a sede município. Ele faz o itinerário diário de “ir e vir” ao município de Ibiaí.

A sede da **Igreja** de Nossa Senhora Aparecida é utilizada pela comunidade como um espaço comum a todos. Missas são celebradas com freqüência aos domingos a partir das 09 h, às celebrações comuns são realizadas por membros da comunidade. Em ocasiões especiais, o padre da paróquia de Jequitai/ MG realiza as celebrações. A organização das atividades eclesiais fica a cargo das senhoras, não é raro vê-las reunidas, duas ou três vezes por semana, sempre as 19 h, para cuidar atividades da igreja.

Em termos de diversão, é nos dois **campos de futebol** que os moradores exibem uma alegria e uma paixão contagiante. Os campos são espaços de uso exclusivo dos homens, principalmente os jovens e os adultos de idade até 40 anos.

O **bar** também é um espaço exclusivo dos homens, neste período em pouquíssimas ocasiões observei uma pessoa do sexo feminino, criança, jovem, adulta ou idosa freqüentando o bar. Não é possível encontrar gêneros alimentícios em nenhum dos dois bares ou “botecos”, como são chamados pelos moradores. Somente bebidas alcoólicas são encontradas – cachaças, conhaques e cervejas.

Se os bares são freqüentados por homens geralmente jovens e adultos, a **escola** é exclusiva

das crianças e dos jovens de menor idade. As crianças têm atendimento na comunidade somente até a 8ª série, se quiserem completar seus estudos devem procurar à sede do município. Pelos menos 15 jovens da Barra do Pacuí seguem fazendo isso todos os dias, eles se dirigem no período noturno à sede município e retornam ao término das aulas.

Entre os espaços sociais freqüentados por homens ou mulheres a **casa de farinha** é um espaço da sociabilidade familiar estendida à parentela. O uso do local é comunitário, restrito no tempo, apenas em épocas de beneficiamento da mandioca e produção de farinha as famílias se sucedem manipulando os instrumentos de trabalho, mas essencialmente se comunicando e produzindo sociabilidade.

**b) Espaços de socialização precária** – Entre o mundo de pura cultura ou de socialização e o mundo da pura natureza, a comunidade de Pacuí mantém pelo menos três espaços freqüentados para agricultura. Estes são os espaços da realização das relações sociais de trabalho mais típicos dessa comunidade, quiçá de todas as realidades rurais.

São nesses espaços que a comunidade se organiza para plantar, colher e quem sabe para dar sentido e sentimento à suas vidas. A organização social de produção pôde ser observada em sua totalidade em minhas andanças nesses lugares. No meio do caminho entre os domínios de pura natureza e da cultura, os moradores de Pacuí classificaram os três lugares de trabalho, nos quais as regras de usos e de freqüentamento o distingue dos outros domínios:

A **Ilha** é o espaço de plantio, mede aproximadamente 24 ha., todos na comunidade têm direito de plantar, normalmente no período de chuvas. Ninguém é dono da terra, o direito é fixo, mas o tempo de utilização é livre, isto é, quem cuida tem direito de plantar. Quem não cuida não pode reclamar o direito de uso.

Para além da agricultura, o seu uso como base para a pesca é bastante forte na comunidade. Em via de regra, não existem moradores na ilha, ela não se constitui um espaço habitado. Não há registro de reuniões, festas, comemorações ou quaisquer outros tipos de atividades sociais, no sentido da convivência<sup>5</sup>.

No domínio do trabalho a **área de plantio da lagoa** mede cerca de 6 ha, foi incorporada ao polígono produtivo da comunidade, em virtude da sua fertilidade natural. Em oposição aos processos sociais desenvolvidos na ilha, a área da lagoa é o espaço exclusivo da agricultura, quase não se pode observar o cercamento, a presença de colchetes ou outras marcas que demonstrem certa hegemonia da cultura sobre a natureza.

A área da **beira do rio Pacuí** é o mais tradicional espaço de produção, assemelha-se à típica roça/lavoura camponesa. Mede cerca de 14 há., utilizada para o plantio, alguns criam gado e cavalos na área.

O sistema de uso difere-se da ilha, na beira do rio Pacuí, todos tem seus espaços mais ou menos delimitados. O direito de uso das roças é fixo no tempo, definido e socialmente aceito como posse. O uso do espaço é feito essencialmente pelos homens, admite-se a extensão do trabalho à mulher, apenas em época especiais em que a disponibilidade de mão-de-obra não é suficiente para atender a demanda.

c) **Espaço de Natureza** – O sistema de usos do espaço observados na comunidade revelou o terceiro macro-espaço de Pacuí, para além da singularidade usada no início do tópico, os moradores costumam fazer distinções bastante evidente e coerentemente explicadas por eles. O próprio tempo de existência da comunidade, a crescente pressão demográfica sobre o território e a manutenção de um sistema agrícola sustentável, explicam as diferenças apontadas na constituição desse espaço.

Este espaço não pode ser definido pelo seu uso ou freqüentamento e, sim, precisamente pelo seu não uso e sua evitação. Os espaços de natureza são marcados pela inexistência de construções sociais para uso de moradia ou estruturas de armazenamento agrícola, pela presença de fauna e uma flora natural bastante desenvolvida, de forma alguma, isto significa que o espaço não tenha sido em algum momento utilizado ou incorporado ao mundo de sociabilidade na comunidade.

Os moradores de Pacuí apontaram quatro fases distintas para o espaço da Natureza:

<sup>5</sup> Refiro-me a convivência no sentido empregado por Brandão (1995).

1. **Matinho:** Roças recém abandonadas, em que a vegetação típica começa a retornar, pode ser reincorporada a área agricultável sem a necessidade de técnicas muito elaboradas de limpeza e preparo de terra;
2. **Capoeira:** Roça abandonada há poucos anos, a vegetação já se encontra em um estágio de sucessão mais avançado. A capoeira para ser novamente incorporada na agricultura demanda utilização de técnicas de preparo;
3. **Matão:** Roça abandonada há vários anos, apresenta vegetação bastante densa. Para se cultivar novamente nessa área será necessária muita força de trabalho e a utilização de técnicas agrícolas e de preparo da terra. Ocasionalmente se maneja gado e cavalos nessas áreas;
4. **Cerrado:** Natureza nunca trabalhada, como a disponibilidade de terras é pequena nessa comunidade, a taxa de cerrado preservado é pequena.

A interpretação dos espaços na comunidade retrata a forma de divisão e organização da própria consciência e interpretação das pessoas em relação ao mundo natural e aos espaços socializados que elas criam dia após dia em seu trabalho, ao ocupar a praça ou rezar na missa.

A igreja, a casa, o quintal, o campo de futebol, a ilha e o cerrado são na verdade a expressão da produção espacial do povo de Pacuí. As pessoas de lá vivem em um constante ir e vir, transitando entre os espaços que habitam. O Sr. Narciso quando sai de casa pela manhã e segue em direção a sua roça as margens do rio Pacuí, não faz um trajeto qualquer, ele sai do mundo que a sua cultura criou e cria todos os dias, erguendo casas, construindo igrejas ou jogando futebol, para atravessar um domínio natural, no qual as forças sociais de produção não estão sendo empregadas regularmente e chega ao mundo intermediário entre a cultura e o mundo natural. A roça é para a comunidade uma representação do espaço de equilíbrio entre a cultura e a natureza.

### A organização social

As formas de organização social e as relações de trabalho no mundo camponês tradicional são bastante conhecidas. Não é novidade que o mundo rural tradicional há tempos tem se aliado a formas capitalistas de organização do trabalho para viabilizar a reprodução do seu modo de vida. Nesse esquema a presença do capital em espécie, é essencial para o funcionamento da organização camponesa e sua participação no mercado, através da inserção da sua produção.

Em nossa realidade essa relação pode ser facilmente exemplificada na dimensão mais essencial da vida cotidiana, a alimentação. Elaborou-se o quadro 1 de classificação dos produtos consumidos na dieta básica observada, para mostrar como a comunidade se relaciona com o mercado e ao mesmo tempo, como ela consegue uma autonomia relativamente grande em virtude de produzir a maioria dos gêneros básicos que consome, conforme é mostrado no quadro 1.

Quadro 1

Produtos consumidos na dieta básica dos moradores

Onde se consegue	Dieta básica
Cultivado na comunidade	Feijão, Arroz, Verduras, Peixe, Farinha, Carne de galinha, Carne de porco, Banha de porco
Adquirido no comércio externo á comunidade	Café, Macarrão, Óleo de soja, Sal e Carne de gado.

\* A banha de porco substitui o óleo de soja no preparo dos alimentos.

Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo, 2007

Org: SANTOS, Rodrigo Herles, 2007

A análise do quadro 1 demonstra que na composição da dieta básica<sup>6</sup>, observada na comunidade, a maioria dos produtos são obtidos através das relações de produções internas, alguns poucos são obtidos nos câmbios entre a comunidade e o comércio<sup>7</sup> na sede do município, mesmo estes dependem da viabilização da produção e de sua inserção no comércio formal.

Na comunidade de Pacuí, apesar da proximidade com o município, pouco tem sido a influência capitalista na composição e na qualidade das relações sociais vivas e vividas, nem na viabilidade da produção, em termos de compra e venda de insumos ou da força de trabalho.

### As geografias internas da comunidade

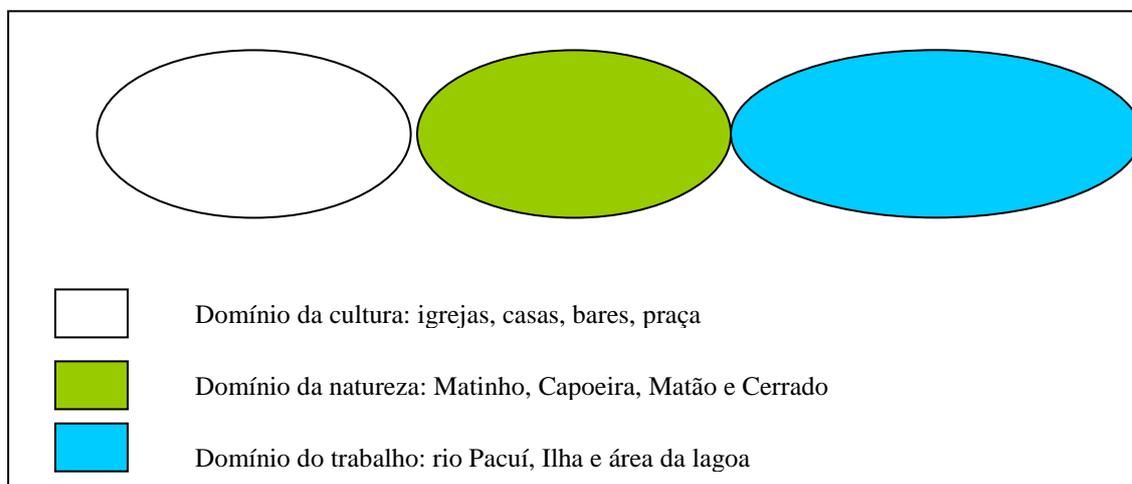
A igreja, a casa, o quintal, o campo de futebol, a ilha e o cerrado são a expressão da produção espacial do povo de Pacuí, pois retratam a forma de divisão e organização da própria consciência e interpretação das pessoas em relação ao mundo natural e aos espaços socializados que elas criam dia após dia em seu trabalho, ao ocupar a praça ou rezar na missa.

As pessoas da Barra do Pacuí vivem em um constante ir e vir, transitando entre os espaços que habitam. O Sr. Narciso quando sai de casa pela manhã e segue em direção a sua roça as margens do rio Pacuí, não faz um trajeto qualquer, ele sai do mundo que a sua cultura criou e cria todos os dias, erguendo casas, construindo igrejas ou jogando futebol, para atravessar um domínio natural, no qual as forças sociais de produção não estão sendo empregadas regularmente e chega ao mundo intermediário entre a cultura e o mundo natural. A roça é para comunidade a representação do espaço de equilíbrio entre a cultura e a natureza.

Esse movimento constante não passa despercebido no imaginário local, vejamos o esquema 1 a seguir:

Esquema 1

Interpretação da divisão dos espaços em Barra do Pacuí



Org: SANTOS, Rodrigo Herles, 2007

Entre os três domínios que estamos trabalhando, existem distâncias a serem percorridas constantemente, mas, existem também distâncias internas a cada domínio que devem ser vencidas. A comunidade naturalmente elaborou uma malha viária interna para ligar os lugares,

<sup>6</sup> Não se inclui na dieta o sal, ele só pode ser adquirido no comércio externo. Ouvi diversos relatos contando a história da comercialização do produto, especialmente, as viagens de canoa entre a Barra do Pacuí e a cidade de Pirapora para levar as cargas de feijão, arroz, abóbora e abastecer principalmente com Sal.

<sup>7</sup> Além do sal, tecidos e roupas eram obtidos em Pirapora. Hoje em dia esses artigos são importantes para entender a constituição e funcionamento do sistema econômico local.

para cada característica de ligação corresponde uma classificação de acessos, por exemplo: quando se sai de uma casa e vai à praça, não é necessário sair da comunidade e passar para outro domínio, usa-se, portanto, as ruas internas da comunidade, quando se movimenta dentro do domínio de natureza, por exemplo, a designação é outra, usa-se trilhas, que é uma forma mais precária de acesso.

Observando o sistema viário local pode elaborar um quadro sintético que nos ajuda a interpretar o sistema de classificação local:

Quadro 2  
 Tipologia dos acessos

Tipologia	Características	Ligações	Foto
Ruas	Liga dois ou mais espaços dentro do mundo da cultura, sem sair do domínio.	Casas, igrejas, bares, praça.	
Estradas	Liga dois espaços de pura cultura, atravessando domínios da natureza;	Da comunidade a sede do município;	
Caminho	Ligação entre os espaços da cultura e as áreas de produção, sempre atravessam o domínio da natureza.	Da comunidade a beira do rio Pacuí;	
Trilhas	Serve para se deslocar dentro do domínio da natureza, sua conservação é bastante precária;	Dentro do domínio da natureza;	

Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo, 2007  
 Org: SANTOS, Rodrigo Herles, 2008

O sistema de classificação apresentado responde perfeitamente às necessidades e expectativas da comunidade, não é fácil o exercício de extrapolar a classificação para além do mundo localmente vivido, a classificação de acessos entre cidades muito distantes da realidade próxima mostrou-se bastante confuso na cabeça dos moradores, especialmente dos mais jovens.

### Territórios do rio - a produção na ilha

No contexto da comunidade enquanto uma unidade socioeconômica, o espaço de produção da ilha chama nossa atenção, além de sua beleza em termos de cenário, a sua importância e a funcionalidade frente às necessidades da comunidade. Como dizia anteriormente, em relação às outras áreas de produção, a conservação dos recursos estava associada ao manejo em termos aumento e recuo da área da produção, aos ciclos dos dois rios e a regime de plantação (esquema de plantas frias ou quentes).

Em primeiro lugar, o regime de uso das terras difere muito das outras áreas de produção. Há o entendimento de que as terras da ilha são livres, isto é, não existe um regime de posse e de transmissão da propriedade estabelecido. O sistema pode ser interpretado como um regime de terra *livre* e tempo *cativo*.

Ao contrário das outras duas de produção, cujo sistema de posse da terra é bastante comum, todos têm um pedaço de terra e a posse é socialmente reconhecida e estável. Na ilha, não existe esse sistema de posse estável da terra, ela é liberada para o uso de quem puder cultivá-la. Nesse regime o direito de *tempo de uso* é garantido pela capacidade do camponês de cuidar de sua lavoura, logo quem tem condições laborais tem o direito de cultivar.

A determinação do quantitativo nominal de área a ser cultivada está vinculada, também, a capacidade de produção. Notável o modo como o código social de uso das terras é amplamente conhecido e respeitado, todos os moradores de Barra do Pacuí podem plantar na ilha a qualquer tempo sem gerar conflitos de posse.

O trecho abaixo ilustra com precisão a situação que descrevi. Questionei um morador sobre os direitos de uso e a possibilidades de conflitos:

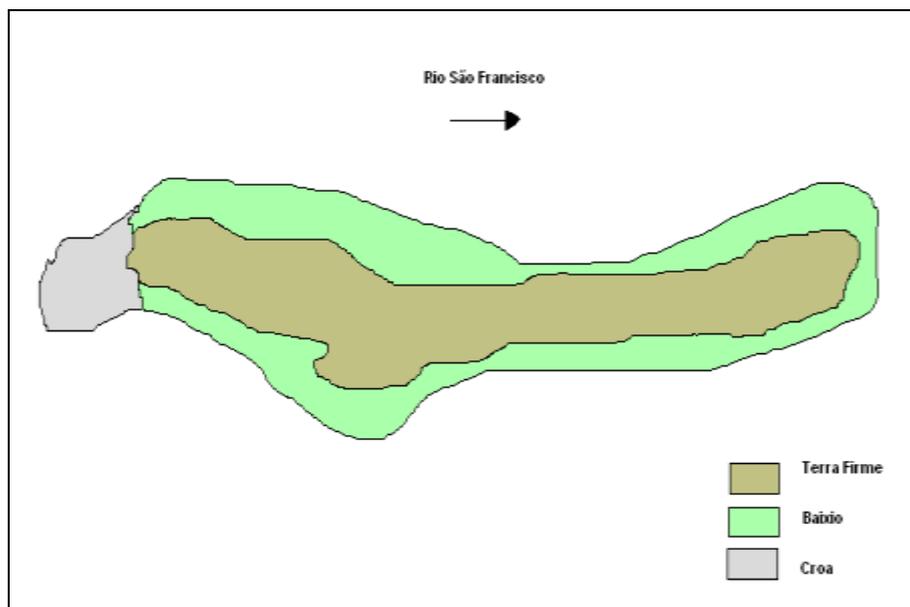
Não é possível ter briga para plantar lá na Ilha. A terra de "lá", não é nossa de direito, o rio São Francisco é que é o dono de "lá". Nos usamos a terra pra plantar e colher os alimentos quando o rio permite. Aqui todos tem direito de plantar. Chega na hora, quando começa a chover, a pessoa chega "lá", escolhe seu local e pode plantar. Todo mundo do "Pacuí" sabe que todo o morador tem direito "lá", mesmo que seja para plantar num pedacinho pequeno de terra. Ai num tem jeito de dá confusão, a terra num é de ninguém no papel, todos pode usar. Ah mas tem uma coisa importante, tem que cuidar, se no ano que vêm você não for lá planta, qualquer pessoa pode plantar no seu lugar e, ninguém pode reclamar. Entrevista com o Sr. João Bento, 2007

Em termos de percepção, os moradores reconhecem 3 divisões para Ilha: (I) *Croa* – porção da Ilha, no qual no período de seca, o rio deposita areias, essa porção é utilizada para lazer, principalmente pelos mais jovens. Não é possível desenvolvimento da agricultura; (II) *Baixio* – porção de terras alagadas, essa parte da Ilha não serve para o desenvolvimento da agricultura; (III) *Terra Firme* – porção de terra seca ao longo do ano, utilizada para agricultura.

Outro aspecto torna-se relevante, a função que a ilha exerce no contexto do manejo do ambiente e do território na comunidade, enquanto uma unidade completa da produção camponesa. Ela assume um papel de complementaridade do território e da produção agrícola. No discurso local, a ilha é entendida como um presente do rio para assegurar a sobrevivência da população, uma espécie de "dádiva" que completa os meios de vida da população:

Olha, eu lembro que o pessoal começou a plantar na ilha, mais ou menos na década de 1970. Quando o rio começou a formar esse presente para nós. No inicio ela era bem menor do que é hoje. Poucos de nós tínhamos coragem de plantar lá. Ela não é nossa de propriedade, mas é nossa pra que a gente possa plantar, cultivar e cuidar dela. Hoje todo mundo planta suas roças, e não podemos imaginar nossas condições de viver, se em esse pedaço de chão. Ela (a Ilha) é para nós como mais um pedacinho de nossas próprias casas. Entrevista com Sr. João Bento, 2007

Esquema 2  
Representação do espaço ilha



Fonte: Dados obtidos em pesquisa de campo, 2007  
Org: SANTOS, Rodrigo Herles, 2007

Essa complementaridade é efetivada no plano do manejo do ambiente, a ilha é compreendida como uma extensão do território. Em termos de conservação e da manutenção do nível de fertilidade dos solos, o entendimento diverge em relação às outras unidades de produção da comunidade.

Na percepção dos agricultores da ilha, a ligação entre a ilha e rio se reflete na manutenção da riqueza dos solos. Eles reconhecem que no mesmo movimento que a ilha é criada pelo rio, as forças naturais que a mantêm devem-se aos ciclos de cheia do São Francisco.

Como falei com você naquela hora, o rio é o dono da ilha, ele todo o ano ajuda a gente. Veja o senhor, na invernada do ano passado (2006/2007), o rio veio e tomou conta dessa Ilha toda, ela ficou mais de mês coberta de água. Pensei até ela num ia mais estar lá. Quando a chuva passou e o rio baixou, a gente entrou plantando e as lavouras produziram com fartura. A terra estava forte, toda a plantação vingou. Entrevista com Sr. João Bento, 2007.

Em oposição aos outros espaços de produção, nos quais a técnica e o trabalho auxiliam as forças naturais na conservação da riqueza dos solos, na ilha, essa tarefa fica a cargo do rio, ele a criou e, ele também tem a obrigação de prover sua vida.

Contudo, a divergência ajuda a revelar um outro componente bastante inspirador do universo territorial de Barra do Pacuí, a relação de usos e entendimentos com o rio São Francisco.

A relação com rio poderia ser muito conflituosa, como ocorre na maioria das cidades cortadas por cursos d'água em tempo de enchentes, com os camponeses da Barra do Pacuí, acontece o contrário, eles têm a exata noção da força e da importância do rio no contexto ecológico mais amplo e para suas próprias vidas no plano local.

Os espaços são percebidos e incorporados no discurso das pessoas como os locais de predomínio das ações sociais sobre a natureza, nos quais os recursos naturais são transformados ou absorvidos diretamente como produtos para a sobrevivência da comunidade. Em nenhuma entrevista os moradores se referiram aos lugares como espaços da produção direta de alimentos. No domínio da cultura não há cultivo, pelo menos, naquilo que é próprio da atividade agrícola.

Segundo os moradores as atividades realizadas no domínio da cultura envolvem relações sociais de caráter não produtivo. O domínio da cultura é um espaço destinado à convivência por excelência, Brandão (1995), no qual as ações e relações sociais são realizadas para esse fim. Os moradores destacaram as seguintes atividades presentes nesse espaço: Educação, alimentação, festejos, esportes (futebol), conversa, descanso e a produção da farinha.

Entre as ações citadas a produção comunitária da farinha pode ser considerada como uma atividade produtiva, mas, no entendimento local é uma atividade que requer o aparato social da comunidade para ser realizada. Os camponeses explicaram que a produção de farinha exige uma estrutura que só pode ser concebida dentro da comunidade, como a casa e os instrumentos apropriados, além de ser uma atividade coletiva que exige a mobilização de muitas pessoas.

Em comum essas ações listadas, praticadas no espaço de convívio social, nunca são ações do tipo trabalho + técnica + natureza. Para os moradores, mesmo nas atividades em que são empregadas as forças de trabalho, nesse espaço ela nunca é mobilizada, para combinar com os elementos da natureza. O processo de educação, isto é, a escolarização dos meninos, é um processo totalmente social, pois envolve exclusivamente o trabalho.

Por outro lado o exame das classificações que caracterizam o domínio da natureza é possível verificar que nesses espaços não são realizadas quaisquer atividades que envolvam o trabalho ou técnica. Todos os processos ocorrem naturalmente, sem a intervenção do trabalho ou da técnica socialmente intencionada. No discurso local, mesmo os lugares recém abandonados são entregues a renovação ou a recuperação de sua vitalidade por desdobramentos de processos alheios as intervenções humanas no nível do trabalho ou da técnica.

É comum observar em textos antropológicos a descrição de elementos rituais que auxiliem na recuperação das forças da “terra”, possivelmente, a comunidade tenha recorrido a expediente no passado, mas no momento não foi observado qualquer tipo de manifestação nessa direção.

Em termos de percepção em manejo do ambiente, os usos do espaço do trabalho revelam, com destaque, as estratégias de adaptação e a leitura que a comunidade fez e faz sobre seu território. A comunidade dispõe de três espaços de produção: a Ilha, a área da lagoa e a beira do rio Pacuí.

Tradicionalmente os camponeses da Barra do Pacuí utilizam o seguinte expediente: as duas áreas de cultivo, lagoa e beira de rio Pacuí, são constantemente submetidas a um processo de descanso, geralmente, elas são abandonadas por algum tempo para recuperar sua fertilidade, passando de área de cultivo para matinho, com mais frequência e para capoeira<sup>8</sup> em situações mais raras.

A entrevista com o Sr. Trucão<sup>9</sup>, camponês e pescador que planta em uma área no encontro dos dois rios, ilustra bem essa situação:

Minha colheita esse ano vai ser muito grande. Todo feijão que plantei, misturado com a abóbora vingou. A terra aqui no Pacuí é boa, porque todo o ano o rio vem e trás terra nova. Essa terra nova é mais forte, chega ser escura. **Entrevista com Sr. Trucão, 2007.**

Em outro momento da entrevista ele completa seu raciocínio:

Mesmo depois da cheia, quando resta uma areia que rio traz, ela fica sobre a terra e ajuda. Veja aqui, a terra fica úmida por baixo, isso é bom para as plantas. **Entrevista com Sr. Trucão, 2007.**

No pensamento popular local a área que margeia o rio Pacuí é fundamental para assegurar a sobrevivência física e a reprodução cultural da comunidade, pois em termos de espaço, é

<sup>8</sup> A estratégia de rotação de terras de cultivo é bastante comum na estrutura de produção camponesa. Estudos como de Woortman (1983) são fonte rica para o entendimento da questão.

<sup>9</sup> Sr. Trucão, 55 anos, camponês pescador. O Sr. Trucão é considerado “de fora”, ele nasceu no Vale do Jequitinhonha, depois de um tempo trabalhando na roça, resolveu tentar a sorte em Belo Horizonte, trabalhou em uma metalúrgica. No final da década de 1980, mudou-se para Barra do Pacuí, conseguiu um pedaço de terra para construir um rancho e plantar uma rocinha, principalmente feijão e milho, comprou um pequeno barco e desde então tem pescado e cultivado. Ele vive sozinho, os filhos moram no município de Ibiaí, os quais ele visita pelo menos quinzenalmente, inclusive levando o pescado para comercializar.

praticamente inviável a ampliação do território já que as áreas limítrofes já estão ocupadas. Dessa maneira a boa qualidade do solo, sua fertilidade natural consegue responder a demanda, quando em virtude do crescimento demográfico há necessidade de mais oferta de alimentos.

Segundo relatos, houve momentos em que foi necessário diminuir a área de “pousio” para incrementar a produção de gêneros agrícolas. Isso equivale dizer que as áreas de domínio da natureza, *matinho* e *capoeira*, constituem também, uma reserva potencial para a expansão da produção.

Os outros espaços, *matão* e *cerrado* estão localizados em solos menos férteis, sua incorporação no domínio da produção agrícola, só poderia ocorrer em situação climáticas excepcionais ou através da utilização de técnicas agrícolas não dominadas pelos camponeses. É obvio que essa estratégia é intencional e bastante elaborada, muito embora, não exista qualquer documento escrito dizendo que se deva proceder desta ou daquela maneira.

Interessante perceber que em um regime de terras de posse livre, comunitária e solidária, como o observado na Barra do Pacuí, as pessoas reconhecem coletivamente os códigos de conduta em relação ao manejo dos espaços e agem sistematicamente reproduzindo essas ações:

Então a gente aqui é assim, onde você fizer sua roça, aí você considerava seu, plantava roça ali, tava plantando no que é seu. Mais se você deixasse ali e outro fosse e botasse a roça lá, você ia considerar que era dele, não tinha nada dividido, seu era onde você trabalhava. O que até hoje continua sendo, onde a gente trabalha considera da gente. **Entrevista com camponês, Sr. Narciso, 2007.**<sup>10</sup>

Mais do que a simples interpretação de um modo particular de organização da agricultura, desejo destacar, aquilo que não está explícito: o sistema agrícola local é fortemente dependente da capacidade de manutenção da fertilidade natural do solo. Observei que a comunidade não utiliza qualquer tipo de adução química do solo. Por exemplo, o sistema de plantação consorciada impede o esgotamento solo, já que plantas diferentes absorvem nutrientes diferentes, conforme apresentado na entrevista:

Não planto no mesmo lugar, as vezes muda, eu plantei mais de dez anos na mesma roça e sempre dava. A terra pode ir cansando, hoje eu acho que a terra precisa sim de adubo, mais até hoje ninguém usa adubo aqui não. Durante toda minha vida não mexi com adubo só na terra própria, o que ela gerava por ela mesma. Era fartura, produzia bastante, mais hoje, várias coisas que diminuiu não é mais aquilo como era, então a terra entrou nessa daí moço, de fraquejar, mas ainda produz o suficiente para a alimentação. **Entrevista com Sr. João Bento, 2007.**

Ademais, a articulação das técnicas de manejo do ambiente, especificamente na agricultura, respondem pela capacidade de produção agrícola. O consórcio de plantios, a rotação de culturas e o descanso dos solos são ações consolidadas deste grupo sobre o seu território. Essas ações sobre o território são legitimadas no plano ideológico cultural, pois a comunidade consegue assegurar a transmissão deste conhecimento para outras gerações. Agricultores jovens na prática assimilam todos os ensinamentos e reproduzem as ações plantando da mesma forma, associando um tipo de cultura à outra. Não foram percebidas inovações muito significativas nas técnicas de plantio, analisando os discursos entre agricultores velhos e jovens.

### **A organização da pesca**

A pesca representa para a comunidade um meio para completar e enriquecer a dieta básica e em alguns casos como produto para troca no mercado e obtenção dinheiro em espécie. Nos dois aspectos ela é fundamental na estrutura social, econômica e ambiental da comunidade,

<sup>10</sup> Sr. Narciso, casado, idade aproximada de 50 anos. Ele é da segunda geração da Barra do Pacuí, mas esteve morando fora da comunidade. Por um tempo o Sr. Narciso migrou para trabalhar em plantações de café de na região do triângulo mineiro. Há uns 12 anos retornou a Barra do Pacuí. Hoje ele não pensa em sair da comunidade. Segundo ele, deseja terminar a vida na comunidade.

quiçá da região do médio e do baixo São Francisco.

O verdadeiro pescador dedica a profissão na água, você chega na casa dele tudo que tem lá foi comprado com dinheiro do rio. Nós que estamos no rio todos os dias é assim tem que ser pescador, e não ir pro rio só quando ta bão, cada um, tira a sua ficha de profissional para isso. **Entrevista com Sr. Trução pescador camponês, 2007.**

Do ponto de vista da organização social, a pesca é realizada como atividade complementar à agricultura, todo pescador de Barra do Pacuí é antes um agricultor. Essa condição geradora tem implicações na forma de organização da atividade como um todo, uma delas é o ajustamento no calendário da atividade durante a jornada de trabalho.

A pesca é praticada nos fins de semana, no início da tarde ou no período da noite, sempre por indivíduos do sexo masculino. Outra implicação refere-se à destinação do pescado, sendo incluído na dieta alimentícia das famílias; como também cambiado no mercado para obtenção de capital em espécie. Esses dois caminhos não são opostos em si mesmos, apenas apresentam uma composição diferente em termos da natureza técnica da pescaria, das espécies do pescado e da tipologia social do pescador.

No caso do consumo interno do pescado, este é rapidamente integrado ao sistema social local, normalmente são capturados peixes menos nobres. Os apetrechos utilizados também têm um grau de sofisticação inferior em relação aos empregados na pesca para comercialização. Quando o objetivo é alimentação local, os pescadores usam normalmente as chamadas *linhadas* ou *varas de pescar*.

No plano individual, os sujeitos que praticam esse tipo de pescaria, são normalmente o chefe da família e/ou os mais jovens, para esses tipos sociais, a pesca não é uma atividade essencial, ela é encarada em muitos casos como uma recreação.

Já no caso de comercialização do pescado, a especificidade exige que a atividade tenha em si mesma, um nível de organização muito mais acurado, o pescado deve ser extraído, armazenado e só depois transportado aos locais de venda. Assim, o camponês pescador, necessita refinar a técnica para aumentar a eficiência de sua pesca, além de equipamentos para armazenamento do produto obtido.

A maximização da qualidade da pesca é obtida com uso de técnicas profissionais, normalmente, são empregados apetrechos como: *tarrafas* e *redes de pesca*, geralmente, para esse tipo de pescaria o objetivo é a captura de peixes mais nobres como: Surubim, Dourado, Matrinxã, Pirá e Curimatã-Pacu<sup>11</sup>.

A importância do pescado não é somente a de complementação do cardápio em termos de uma dieta, evidentemente essa é uma função importante, haja vista a riqueza deste alimento. O que torna o pescado atrativo para parte da comunidade, principalmente para os mais jovens, é a nobreza do produto, ele tem mercado fácil na sede do município e um potencial de conversão em moeda corrente.

## CONSIDERAÇÕES

Sobre a comunidade de Barra do Pacuí verificou-se que o camponês utiliza o espaço de forma articulada para proverem seus meios de vida. Estabelecendo um modo de vida local que se constitui basicamente em uma policultura em termos de: a) de gêneros produzidos; b) da utilização do espaço e; c) da flexibilidade de tipologias dos sujeitos camponeses, que atuam no espaço como agricultores, pescadores, carpinteiros e comerciantes.

O camponês de Barra do Pacuí é um agricultor especializado em produzir de forma plural. Ele não se estabelece ou não especializa a terra para produzir monocultura, exatamente o oposto, a economia do local depende fundamentalmente da habilidade técnica do agricultor para prover uma variabilidade de gêneros alimentícios que respondam as necessidades básicas.

Os camponeses manejam suas “roças” com intuito de atender a comunidade e não o mercado. Os produtos excedentes da produção é que são cambiados com o mercado, Martins (1975).

<sup>11</sup> Surubim – *Pseudoplatystoma coruscans*; Dourado – *Salminus brasiliensis*; Matrinxã – *Brycon lundii*; Pirá – *Conorhynchus conirostris*; Curimatã Pacu – *Prochilodus marggravii*.

Um camponês cultiva gêneros diferentes do outro camponês, mas, ambos atendem em primeiro lugar o consumo interno.

No que se refere aos aspectos econômicos, as relações se estabelecem do interior da unidade para fora. Em uma primeira dimensão, envolve trocas dentro da comunidade do tipo produto por produto para suprir as necessidades imediatas; em uma segunda dimensão, envolve trocas com o mercado do tipo produto-dinheiro-mercadoria. Isto confere uma estabilidade ao sistema social, favorecendo a manutenção desta forma tradicional de produzir e, uma baixa dependência do mercado, em termos de mercadoria e capital. Contudo, não se pode negligenciar a força do mercado, se não o contrário, neste trabalho reconheço sua importância.

Em um outro aspecto, os espaços internos da comunidade são utilizados também de forma seletiva e pluri-funcional, pelo menos no que concerne à produção agrícola e a manutenção de uma porção de natureza ou reserva de espaço. Os moradores elaboraram ao longo do tempo um sistema de classificação que permitiu separar espacialmente as funções da comunidade, entre lugar de convivência, o lugar de natureza e o espaço do trabalho agrícola.

Esses três espaços são articulados ao domínio da natureza, de forma que em alguns momentos, como estratégia de manejo, os espaços são abandonados para o descanso e recuperação da fertilidade, recebendo, portanto, outras classificações, desde matinho a cerrado. Este processo é o elemento central no manejo espacial da comunidade, que garante o uso continuado na terra, além, da possibilidade de utilização do espaço com atividades agrícolas temporalmente distintas, denominado rotação de culturas.

No que tange a formação socioeconômica do sujeito camponês, a variabilidade das atividades exercidas por eles é fundamental para viabilizar sua reprodução. A comunidade de Barra do Pacuí se caracterizou ao longo de tempo graças à capacidade dos moradores em exercer múltiplas atividades, sem que isso significasse, no entanto, um processo interno de diferenciação social. Na comunidade todos são antes de tudo camponeses, mas, são também marceneiros, pedreiros e agricultores.

A atividade pesqueira é o exemplo mais claro que se pode oferecer desta “poli-variedade” das atividades sociais em Barra do Pacuí, uma vez que se estando na beira do rio São Francisco, nada mais natural do que exercer a pesca. Não é incomum encontrar na região, comunidades que se reconhecem como pesqueiras. Este fato não ocorre em Barra do Pacuí, na qual a pesca, apesar de importante e significativa, representa um complemento e integra o modo de vida local. Quero dizer que o camponês de Barra do Pacuí é um agricultor que pesca. Essa afirmativa não deve ser limitada a uma simples questão de semântica, ser um agricultor e também pescador, significa dizer, que em muitos casos esse sujeito camponês extrai sua sobrevivência baseada na articulação de atividades socialmente diferentes. Isso exige adaptações e ajustamentos no calendário de trabalho, na divisão interna das tarefas, na confecção de apetrechos, nos rituais e no próprio uso do território.

Grças a essas interconexões a comunidade de Barra do Pacuí produz e se reproduz socialmente baseada em um entendimento profundo do seu espaço. As formas de utilização do espaço destacadas permitiram que ela (comunidade) extraísse os meios necessários para a sobrevivência, às adaptações intrínsecas ao manejo do local são fundamentais para responder as contingências do dia-a-dia, em termos de pressão demográfica sobre território e de possíveis intempéries naturais.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **Partilha da vida**. São Paulo: GEIC/Cabral Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**: Escritos para conhecer, pensar e praticar o Município Educador Sustentável. Brasília: MMA, 2005.

\_\_\_\_\_. Sobre a tradicionalidade que há em nós. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. MARQUES, Marta Inez Medeiros (orgs). **O Campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004a.

CANDIDO, A. **Os parceiros do rio bonito**: estudo sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida. 10 ed. São Paulo: Editora 34, 2003. 372 p.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo** (estudos sobre as contradições da

sociedade agrária no Brasil). São Paulo: Pioneira, 1975.

\_\_\_\_\_. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.

RODRIGUES, Luciene OLIVEIRA; Marcos Fábio Martins de, (ORG). **Formação social e econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: UNIMONTES, 2000.

RODRIGUES, Luciene; MAIA, Cláudia (ORG). **Cerrado em Perspectiva(s)**. Montes Claros: UNIMONTES, 2003.

WOORTMANN, E. F. O sítio camponês. Edições UFC, 1983. **Anuário Antropológico**, 1981, p.164-203.

WOORTMANN, K. Com parente não se negueia. **Anuário antropológico**, 87. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro p. 11 – 73. 1990.